

AFETIVIDADE E INFÂNCIAS NEGRAS: UM OLHAR À LUZ DA TEORIA DE WALLON

Keli da Rocha França¹
Wilbâner Feitosa Nogueira²

INTRODUÇÃO

A infância é uma etapa essencial do desenvolvimento humano e revela a complexa interação entre afetividade, emoção, cognição e cultura. Este estudo busca analisar como a afetividade influencia o desenvolvimento das infâncias negras à luz da teoria de Henri Wallon, articulando esse referencial com as contribuições de Nilma Lino Gomes, Neusa Santos, Kabengele Munanga, Eliane Cavallero, Elisama Santos, Conceição Evaristo e Lázaro Ramos. Parte-se do pressuposto de que a afetividade, além de constituir elemento psicológico fundamental, configura-se como campo ético e político de resistência frente ao racismo estrutural que perpassa o cotidiano das crianças negras.

A justificativa do estudo está implícita na urgência de reconhecer que o racismo, ao atingir a infância, interfere diretamente na formação emocional e identitária das crianças, ferindo sua autoestima e comprometendo suas relações de aprendizagem. Assim, compreender a afetividade em contextos de desigualdade racial é também refletir sobre as formas de reparação simbólica e pedagógica que promovem pertencimento e humanidade.

O objetivo geral consiste em investigar como a afetividade pode contribuir para o fortalecimento da identidade étnico-racial das infâncias negras, considerando as contribuições teóricas de Wallon e dos autores afro-brasileiros aqui mobilizados. Como objetivos específicos, pretende-se: compreender o papel das emoções e vínculos afetivos na formação da subjetividade infantil; identificar os impactos do racismo estrutural sobre a afetividade de crianças negras; e refletir sobre práticas pedagógicas antirracistas fundamentadas na afetividade.

A relevância deste trabalho se manifesta no campo educacional e social, ao propor uma abordagem integradora entre psicologia da educação e estudos raciais, reconhecendo o afeto como dimensão da formação humana e instrumento de emancipação.

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí UESPI – Campus Corrente. Professora SEMED- Corrente, Piauí. pedagogakelirfranca@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí UESPI – Campus Corrente. wilbanfeitosa@hotmail.com



METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, sustentada na revisão bibliográfica e na análise teórico-reflexiva de autores que discutem afetividade, infância, identidade e racismo. Foram selecionadas obras de referência, como *As origens do caráter na criança* (WALLON, 1968), *Tornar-se negro* (SANTOS, 1983), *Sem perder a raiz* (GOMES, 2017), *Educação e relações raciais* (CAVALLERO, 2018), *Educação não violenta* (SANTOS, 2020), *Sinto o que sinto* (RAMOS, 2015) e *Poemas da recordação e outros movimentos* (EVARISTO, 2003).

A análise foi conduzida de modo interpretativo, buscando compreender as convergências entre a teoria de Wallon, que propõe o desenvolvimento afetivo como motor da inteligência e da socialização e as perspectivas de autores negros que denunciam a negação histórica da humanidade e da sensibilidade da população negra. Foram consideradas também produções acadêmicas sobre práticas pedagógicas antirracistas na educação infantil, o que permitiu construir uma reflexão articulada entre teoria e prática.

REFERENCIAL TEÓRICO

Henri Wallon compreende a afetividade como base constitutiva da personalidade humana, considerando que emoção, movimento e inteligência formam um sistema integrado. Para o autor, “a afetividade não é um fenômeno paralelo, mas condição do próprio desenvolvimento” (WALLON, 1968, p. 34). Desse modo, o ambiente afetivo no qual a criança está inserida determina em grande medida suas possibilidades de aprendizagem e socialização.

Quando se trata das infâncias negras, o olhar walloniano ganha potência analítica, pois a dimensão emocional é diretamente atravessada pelas experiências de racismo e invisibilidade. Neusa Santos (1983) observa que o sujeito negro, desde cedo, é levado a questionar sua própria imagem e valor, numa tentativa de adequação a um padrão branco que o nega. A autora define esse processo como uma “alienação afetiva”, que compromete a formação psíquica e a autoestima.

Neusa Santos (1983) afirma que “tornar-se negro” é um processo de enfrentamento psíquico e social, pois a subjetividade negra é formada num contexto de



Nilma Lino Gomes (2017) amplia essa discussão ao afirmar que as escolas precisam compreender as infâncias negras como sujeitos de direito, e não como corpos a serem tolerados. A afetividade, para Gomes, é o ponto de partida da pedagogia antirracista, pois “não há aprendizagem verdadeira sem reconhecimento e afeto” (GOMES, 2017, p. 42).

De forma complementar, Kabengele Munanga (2005) denuncia a persistência da ideologia da “democracia racial” que encobre as desigualdades, perpetuando o racismo de maneira simbólica e cotidiana. Assim, o afeto, longe de ser neutro, assume dimensão política: educar com afeto é resistir à desumanização.

Eliane Cavallero (2018) reforça que o afeto, quando permeado pela escuta e pelo respeito, torna-se ferramenta de desconstrução de práticas racistas, uma vez que o silêncio institucional diante da exclusão é uma forma de violência. Para a autora, “a neutralidade afetiva é a perpetuação da desigualdade” (CAVALLERO, 2018, p. 72).

Por outro lado, a perspectiva de Elisama Santos (2020) propõe uma educação não violenta e empática, baseada na valorização das emoções e no acolhimento das diferenças. A afetividade, nessa leitura, rompe o ciclo da punição e da frieza emocional que tanto marca o sistema educativo.

A literatura também se apresenta como caminho de afeto e resistência. Lázaro Ramos (2015), em *Sinto o que sinto*, legitima as emoções infantis e encoraja o reconhecimento do que se sente, especialmente em crianças negras que pouco se veem representadas. Já Conceição Evaristo (2003), ao propor as “escrevivências”, transforma as memórias e dores negras em narrativas de amor, força e humanidade, mostrando que a palavra é também espaço de cura e afeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Os resultados obtidos a partir da análise teórica e documental indicam que a afetividade é elemento indispensável para a constituição de subjetividades negras saudáveis e para a promoção de uma educação equânime. As práticas educativas que valorizam a afetividade produzem impactos positivos na autoestima, na autopercepção e na construção da identidade das crianças.

Em contrapartida, a ausência de vínculos afetivos e de representações positivas acarreta prejuízos emocionais significativos. Neusa Santos (1983) adverte que o racismo internalizado provoca sofrimento psíquico e insegurança afetiva, especialmente na infância, período de formação das estruturas emocionais.

As experiências pedagógicas relatadas em pesquisas sobre educação infantil antirracista demonstram que professores sensibilizados para o tema desenvolvem vínculos mais consistentes com seus alunos, tornando-se mediadores de respeito, empatia e reconhecimento. A literatura negra, os contos africanos e as práticas lúdicas que afirmam a estética e a cultura afro-brasileira são instrumentos eficazes de fortalecimento afetivo.

Além disso, observou-se que o afeto não se restringe à relação entre professor e aluno: ele perpassa toda a comunidade escolar. O envolvimento das famílias e da comunidade amplia a rede de cuidado e resistência. Munanga (2005) recorda que a solidariedade e o afeto são valores ancestrais das comunidades africanas, e que resgatar esses princípios é essencial para a reconstrução das subjetividades negras.

O estudo também revelou que a afetividade, quando integrada a práticas pedagógicas antirracistas, favorece o desenvolvimento cognitivo e social. Em termos wallonianos, o afeto é o que impulsiona a inteligência, uma vez que a emoção mobiliza o interesse e o desejo de aprender. Logo, a aprendizagem é, antes de tudo, um ato afetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a afetividade, compreendida como dimensão estruturante do desenvolvimento humano, adquire nas infâncias negras um papel de resistência, cura e reconstrução. Ela constitui o elo entre emoção, identidade e conhecimento. O diálogo entre Wallon e os autores negros aqui mobilizados evidencia que a educação afetiva é também uma educação política, pois desafia a lógica excludente e promove uma pedagogia da empatia.



A escola, nesse contexto, deve assumir seu papel de espaço de cuidado, reconhecimento e pertencimento. Formar professores sensíveis à questão racial é essencial para que o afeto se converta em prática emancipatória. Conforme destaca Elisama Santos (2020), “educar com afeto é educar para a liberdade”.

A valorização da afetividade como eixo de práticas pedagógicas antirracistas constitui, portanto, uma ação revolucionária. É pela via do afeto que se reescreve a história das infâncias negras não como vítimas, mas como sujeitos plenos, criativos e dignos de amor.

Palavras-chave: Afetividade, Infância negra, Racismo, Identidade, Wallon.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus ancestrais e aos pesquisadores (as) e educadores (as) negros (as) que, com suas vozes e escritas, contribuem para uma educação mais afetiva, equânime e antirracista.

REFERÊNCIAS

CAVALLERO, Eliane. **Educação e relações raciais: práticas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2005.

RAMOS, Lázaro. **Sinto o que sinto**. São Paulo: Pallas, 2015.

SANTOS, Elisama. **Educação não violenta**. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

SANTOS, Neusa. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. Lisboa: Moraes Editores, 1968.

